Nº 508
De 12 a 25 de novembro de 2015
Ano 18

R$2   (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU

NOVEMBRO NEGRO

NOS QUILOMBOS E NAS LUTAS COM RAÇA E CLASSE!

Confira encarte especial sobre o 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra

FOTO: Romerito Pontes

SOMOS TODOS PETROLEIROS

Petroleiros fazem greve contra corrupção e privatização

Páginas 8 e 9

MULHERES

Mulheres vão à luta contra Cunha

Deputado corrupto quer punir as mulheres vítimas de estupro

Página 5

MINAS GERAIS

Mariana: não foi um acidente

Tragédia em Mariana é responsabilidade da Samarco e dos governos

Páginas 6 e 7

páginadois

CHARGE

Castigo

O prefeito da cidade de Codó, a 80 quilômetros de São Luís, no Maranhão, Zito Rolim (PV), sofreu um acidente, no dia 2 de novembro, após o carro cair numa vala onde deveria existir uma ponte que ainda não foi construída pelo prefeito. No trecho onde ocorreu o acidente, deveria existir pelo menos quatro pontes, mas todas estão interditadas para recuperação desde primeiro semestre do ano. As obras, porém, estão paralisadas e a sinalização na estrada, que deveria indicar desvio na via, é péssima. Não deixa de ser irônico que o prefeito acabou sendo vítima do seu próprio descaso. Na internet, circulava uma piada de que Zito Rolim está passando bem, pois foi atendido no Hospital que também não construiu.

Falou Besteira

"O Brasil está em liquidação, muito barato"

ABÍLIO DINIZ, em palestra para empresários norte-americanos (Folha de S. Paulo 02/11)

Pra eles a crise não existe

O Itaú Unibanco informou, no último dia 3 de novembro, que teve lucro líquido de R$ 5,945 bilhões no terceiro trimestre. Isso significa um aumento de 10% no lucro sobre mesmo período de 2014. No total, o lucro do período somou R$ 6,117 bilhões, 0,3% maior sobre o trimestre anterior e crescimento de 12,1% sobre um ano antes. Maior instituição financeira privada do país, o Itaú Unibanco fechou ao fim de setembro com uma carteira de crédito, incluindo avais e fianças, de R$ 552 bilhões, 3,9% a mais que nos três meses até junho e a alta de 9,7% em 12 meses. Ou seja, está bem claro que para os banqueiros não existe crise alguma. Enquanto o desemprego aumenta, a inflação sobe, os bancos lucram como nunca na terra governada pelo PT.

Roberto Setúbal, do Itaú, e Pedro Moreira Salles, do Unibanco.

CAÇA-PALAVRAS

Grandes personalidades negras do Brasil

Ü	Ô	G	B	N	À	B	B	Ü	S	U	É	X	B	W
Õ	Ò	N	R	Ò	Á	Á	L	K	J	A	D	V	Ã	K
A	Ü	P	Ô	À	Ã	T	U	Ó	U	J	K	Ó	Í	J
V	S	L	G	Z	H	Ó	I	Ç	Ã	O	C	H	Ü	C
L	Ç	U	À	Q	V	Ô	S	Õ	B	A	N	Í	Á	P
À	Q	I	M	Á	D	F	G	Í	T	O	U	C	G	Ã
Ú	Ò	Z	P	B	A	S	A	Ò	T	C	Ç	Ó	É	T
Ã	Ü	A	E	Ú	N	U	M	Í	Ô	A	O	C	W	F
Z	U	M	B	I	D	L	A	Ã	Í	N	O	Y	Ú	R
Q	À	A	C	Í	A	P	Õ	D	S	D	A	Â	Ü	Â
Ô	Ê	H	B	D	R	N	Ò	T	V	I	H	L	Ô	À
E	É	I	U	Ú	A	T	G	X	Ó	D	Q	F	P	U
V	É	N	G	O	Á	É	W	L	Ü	O	U	Q	J	Ó
V	M	C	X	P	Y	C	J	Z	D	Ò	B	I	N	É
Í	Í	J	Ç	R	Ü	C	Á	S	Ç	Á	Õ	M	E	Ç

RESPOSTA: Zumbi, Dandara, Luiza Mahin, Luís Gama, João Candido

pelo ZapZap!

"O jornal está aos poucos melhorando muito a sua linguagem e ficando mais "povão". Mas ainda dá uns moles em usar expressões que só entende quem já é ativista político, como " partidos ideológicos" e "regime de excessão"" (OS 507).
Leitor pelo WhatsApp

"Muito bom este encarte do opiniao 507 sobre os 98 anos da revoluçao russa."
Leitora pelo WhatsApp

"Olá! Gostei muito da matéria central da edição 507, mas gostaria de sugerir que procurassem e colocassem os dados do número de admissões. Queria sugerir que viesse alguma matéria sobre a aprovação do texto da PEC 215 que afeta diretamente os povos indígenas e quilombolas"
Leitor pelo WhatsApp

"Camaradas, estou com o Opinião Socialista aqui o nº 506 e fala da greve de diversas categorias e nada da greve do Judiciário pela derrubada do veto 26. Aqui no DF, estamos a mais de 130 dias de greve. Que tal divulgar a nossa luta e enfrentamento contra o arrocho salarial do desgoverno de Bandilma?"
Leitora do Distrito Federal pelo WhatsApp

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14.555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Raíza Rocha, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor Bud

IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço em frente ao Sesc) pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua General Labatut, 98, primeiro andar. Bairro Barris pstubahia.blogspot.com

CAMAÇARI - Rua Padre Paulo Tonucci 777 -BB Lj -08 - Nova Vitória CEP 42849-999

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Rua Brasilândia, n. 581 Bairro Tiradentes (67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

S. JOÃO DEL REI - Rua Dr Jorge Bolcherville, 117 A - Matosinhos. Tel (32) 88494097 pstusjdr@yahoo.com.br

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629|

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM Centro - Travessa 9 de janeiro, n. 1800, bairro Cremação (entre Av. Gentil Bittencourt e Av. Conselheiro Furtado)

AUGUSTO MONTENEGRO - Rua Wb2, quadra 141, casa 41, bairro Cabanagem (entre rua Bragança e Rua Belém, atrás do Líder Independência)

ANANINDEUA / MARITUBA - Trav. We21, esquina com Av. Sn17. Conjunto Cidade Nova IV (ao lado da Auto Escola Metal)

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368.

PARANÁ

CURITIBA - Rua Ébano Pereira, 164, Sala 22, Edifício Santo Antônio Centro - CEP 80410-240

MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9856-5034

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458 rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

CAMPOS - Av. 28 de Março, 612, Centro. www.camposrj.pstu.org.br

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.

NITERÓI - Av. Amaral Peixoto, 55 Sala 1001 - Centro.

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 9.9864-7972 pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Princesa Isabel, 749 Cidade Alta - Natal - RN 84 2020.1290 http://www.psturn.org.br/ pstupotiguar@gmail.com

SEDE NOVA NATAL - Av. dos Caboclinhos, 1068. Conjunto Nova Natal - Natal - RN

GABINETE VEREADORA AMANDA GURGEL - Câmara Municipal do Natal Rua Jundiaí, 546, Tirol, Natal (84) 3232.9430 / (84) 9916.3914 www.amandagurgel.com.br

MOSSORÓ - Rua Filgueira Filho, 52 Alto de São Manoel

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243 (51) 3024.3486/3024.3409 pstugaucho.blogspot.com

GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO

CENTRO - R. Líbero Badaró, 336 2º andar. Centro. (11) 3313-5604 saopaulo@pstu.org.br

ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080

ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Odeon, 19 – Centro (atrás do terminal Ferrazópolis) (11) 4317-4216

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 9.8145.2910 pstu.sjriopreto@gmail.com

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845

SUZANO - Rua Manoel de Azevedo, 162 Centro. (11)9.7188-5452 / (11) 4743-1365 suzno@pstu.org.br

SERGIPE

ARACAJU - Rua Propriá, 479 – Centro Tel. (79) 3251 3530 CEP: 49.010-020

Perguntas que não querem calar

Quando fechávamos esta edição, os petroleiros já entravam no 14º dia da greve mais forte que já fizeram desde 1995. Eles, efetivos e terceirizados, necessitam de solidariedade, porque enfrentam a corrupção, a privatização, a desnacionalização da Petrobrás e a exploração. É hora de dizer "somos todos petroleiros", porque se os petroleiros ganham, ganhamos todos nós trabalhadores.

As mulheres, por sua vez, começaram a ganhar as ruas contra o PL 5069 e exigem Fora Cunha.

Os trabalhadores e a população da região de Mariana (MG) sofrem com uma catástrofe de proporções incalculáveis com a ruptura da barragem de rejeito da mineradora Samarco/Vale. O Brasil assiste indignado a essa tremenda tragédia social e ambiental que atinge Minas e Espírito Santo, ceifando vidas, águas, plantas, animais produto da ganância e do descaso de megas empresas privatizadas e dos governos.

Os negros e negras, em novembro, vão ganhar às ruas e relembrar os 320 anos da imortalidade de Zumbi e Dandara: dois símbolos de luta e resistência contra o racismo e a marginalização do povo negro. Desde o grande combate contra a situação de barbárie que eram submetidos negros e negras durante a escravidão no Brasil, a maior da história, os negros vem afirmando a cada dia que é uma luta sem tréguas contra o racismo e a exploração. Estado, governos e a burguesia promovem a falácia da "democracia racial", buscando impedir a tomada de consciência racial e de um grande levante negro no Brasil.

O movimento popular também vai às ruas em novembro. A verdade é que há lutas por todo o país. São metalúrgicos, mineiros de Ouro Preto (Vale), estudantes e professores de São Paulo, funcionários públicos. Há menos de um mês, assistimos greves fortíssimas de trabalhadores dos correios e bancários.

O governo Dilma, o Congresso, Eduardo Cunha incluído, os governos dos estados e municípios e a patronal também não param de jogar a crise nas nossas costas, enquanto defendem os lucros de banqueiros, grandes empresários e corruptos. Neste momento, inclusive, PT e PSDB fizeram um acordão para manter Cunha na presidência da Câmara de Deputados e longe da prisão.

A classe trabalhadora e a maioria da população, conforme demonstra a última pesquisa Ibope, está furiosamente contra o governo do PT e também contra Cunha, Aécio, Temer, governadores e prefeitos.

É necessário construir uma Greve Geral para derrubar esse ajuste fiscal, defender os direitos dos trabalhadores, garantir estabilidade no emprego, redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários. Para fazer com que os ricos paguem pela crise, parando de pagar essa dívida pública aos banqueiros, impedindo a corrupção, a privatização e a entrega a preço de banana de estatais valiosas como a Petrobras; reestatizando sem indenização as estatais que foram privatizadas, como a Vale. Uma Greve Geral botaria para fora Dilma, Aécio, Temer, Cunha e abriria a possibilidade de um governo verdadeiramente dos de baixo, dos trabalhadores, sem corruptos e sem grandes empresários.

As perguntas que não devem calar são: por que a CUT e demais centrais não atendem ao chamado da CSP - Conlutas para construir uma Greve Geral? Por que sequer aceitam unificar as greves, como teria sido possível fazer, juntando petroleiros, bancários, correios e metalúrgicos? Por que a CUT e a Federação Única dos Petroleiros (FUP), ligada à CUT, estão negociando com o empresariado, governo e com o Congresso propostas para "destravar a operação de setores envolvidos na Operação Lava Jato - o de óleo e gás e a construção civil e naval - e supostamente "reconduzir a economia brasileira à trajetória de crescimento". Por que a CUT, que está negociando através do PPE a redução de salários dos metalúrgicos, diz ser "contra o ajuste fiscal de Levy e da direita", enquanto "aumenta pressão para que Meirelles substitua Levy"? Lula, Palocci e a direção do PT também estariam convencendo Dilma a trocar Levy por Henrique Meirelles no Ministério da Fazenda. Meirelles foi presidente mundial do Banco de Boston e ministro de Lula e, segundo analistas, Lula e Dilma teriam apoio de parte expressiva do empresariado e também do sistema financeiro para essa troca. Mudaria alguma coisa para os trabalhadores a troca de um banqueiro por outro? Por que o MTST e o PSOL fazem a "Frente Povo Sem Medo" com a CUT e UNE apenas contra o ajuste fiscal do Levy, blindando Dilma, ao invés de vir construir uma Frente com as entidades do Espaço Unidade de Ação contra o governo, a oposição de direita e o ajuste fiscal?

Todas essas perguntas induzem a algumas repostas: Todos os setores comprometidos com o "Fica Dilma" ou com a oposição de direita não se enfrentam de maneira consequente com o ajuste fiscal e são contrários a uma Greve Geral, porque ela daria poder aos trabalhadores contra o governo, o Congresso, a oposição de direita e a patronal; Assim como o governo do PT governa para o empresariado, a CUT e demais centrais não se pautam pela independência de classe e possuem acordos com parcela expressiva do empresariado nacional e multinacional; Meirelles no lugar de Levy continuará jogando a crise nas costas dos trabalhadores, mas pode buscar privilegiar (ou salvar) alguns setores empresariais, inclusive porque as empreiteiras devem para os bancos; E, por fim, a CUT está na "Frente Povo Sem Medo" ao mesmo tem que está na "Frente Brasil Popular" porque ambas atendem aos interesses de Lula e do PT. Uma, a Frente Brasil popular, defende explicitamente o governo, a outra o blinda, fazendo de conta que o governo não existe.

Os trabalhadores devem exigir que a CUT rompa com o governo e venha organizar uma Greve Geral. Mas, precisamos fortalecer a iniciativa da CSP-Conlutas e do Espaço Unidade de Ação de construir uma alternativa dos trabalhadores para lutar de maneira coerente contra o governo, a oposição de direita, o ajuste fiscal e a patronal.

CRIME SEM CASTIGO

Acordão de PT e PSDB segura Eduardo Cunha na Câmara

Não dá para exigir "Fora Cunha" e defender o governo. Temos que lutar também contra quem sustenta Cunha.

DA REDAÇÃO

O deputado e presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), deveria estar preso. Mas enquanto você lê este texto, Cunha não só não está atrás das grades como continua com seu mandato e decidindo tudo o que vai ser votado por seus colegas, incluindo aí seus projetos como o que dificulta o atendimento às mulheres vítimas de estupro.

Já foram reveladas as contas de Eduardo Cunha na Suíça que movimentaram ao menos R$ 400 milhões. As transações nebulosas que mostram o recebimento de propina no esquema revelado pela Lava Jato. A frota de carros de luxo que o nobre parlamentar possui no nome de sua empresa de fachada, "Jesus.com", e os gastos milionários de sua família, incluindo de sua esposa, por exemplo, com academias de ginástica.

> São tantos crimes que o Procurador-Geral da República pediu ao Supremo Tribunal Federal a pena de 184 anos de prisão para Eduardo Cunha

São tantos crimes que o Procurador-Geral da República, Rodrigo Janot, pediu ao Supremo Tribunal Federal a pena de 184 anos de prisão para o deputado. Quem tem um pedido de pena tão alto só pode ser um bandido perigoso, não? Mas por que ele continua solto?

ACORDÃO

A única coisa que segura o deputado Eduardo Cunha no cargo é o acordão firmado pelo picareta com o PT e o PSDB. Como Cunha continua com a caneta na mão, o PSDB conta com o deputado para seguir desgastando o governo. Já o PT depende do deputado para segurar o impeachment e, principalmente, aprovar o ajuste fiscal. Lula foi bem direto durante uma reunião da direção nacional do PT: a prioridade não é derrubar Cunha, é aprovar o ajuste fiscal.

E todos temem o que Cunha pode revelar, já que todos os partidos ali têm o rabo preso e estão envolvidos em algum escândalo de corrupção. Outros interesses são bem mais diretos, já que Eduardo Cunha ajudou a financiar a campanha eleitoral de mais de 100 deputados ali.

Cunha se segura no governo do PT com um braço e na oposição burguesa do PSDB com o outro. A seus pés, uma verdadeira legião de deputados tão picaretas quanto ele. Enquanto isso, vai ficando cada vez mais descarada a corrupção generalizada que faz parte desse regime.

TIRANDO ONDA

Carne enlatada? Ninguém engole essa

Sem ter como continuar negando as contas na Suíça, Cunha mudou de estratégia. E a nova desculpa significa uma risada na nossa cara. Em entrevista ao Jornal da Globo, o deputado disse que realmente chegou a ter recursos no exterior, mas que eles não seriam frutos de corrupção mas da venda de carne... Isso mesmo, carne enlatada para países da África!

A criatividade do deputado para inventar desculpas esfarrapadas só não é maior que a sua cara de pau. A nova estratégia de defesa afirma que Cunha teria sido um próspero investidor no mercado financeiro e no promissor ramo de alimentação. Mas então ele admite ser dono das contas no paraíso fiscal da Suíça? Dono não, mas "usufrutário", um nome mais bonitinho para dizer que não é dono, mas "apenas" o beneficiário dessas contas. É um termo usado muito por trambiqueiros de colarinho branco pegos com a boca na botija.

E o depósito de R$ 1,3 milhão feito em sua conta por um lobista pego na Lava Jato? Cunha respondeu que soube do depósito, mas que simplesmente não sabe de onde teria vindo aquilo, que achava que era um empréstimo feito ao deputado Fernando Diniz em 2003. O referido deputado não vai poder confirmar a história, pois morreu em 2009.

E é assim que o deputado vai se defender no processo de Conselho de Ética. E por incrível que pareça, ele pode se safar dessa. O conselho vai analisar inúmeras denúncias de corrupção, mas o fato dele ter mentido aos colegas em depoimento à CPI da Petrobrás. Ele vai enrolar no conselho, e os deputados vão adorar ser enrolados. Só para ter ideia, o relator do processo contra Cunha é o deputado Fausto Pinato (PRB-SP), pupilo do ex-candidato à prefeitura de São Paulo, Celso Russomano.

PROGRAMA

Prisão e confisco dos bens dos corruptos e corruptores

É um absurdo que esse corrupto continue solto e à frente da Câmara. Cunha tem que sair, mas não só. Tem que ser preso e ter todos os seus bens confiscados. As empresas e empreiteiras envolvidas no escândalo têm que ser estatizadas e colocadas a serviço da população e dos trabalhadores.

A depender desse Congresso Nacional de corruptos e desse governo, porém, Cunha vai continuar mandando e desmandando, sustentado pelo PT e PSDB. Não dá para exigir "Fora Cunha" e ao mesmo tempo defender o governo como fazem alguns setores ligados ao governo ou a direção do PSOL e do MTST.

Para ser consequente na luta contra Cunha, temos que lutar também contra quem o sustenta. Só a luta e a mobilização direta podem botar pra fora Cunha e também esse governo que quer jogar em nossas costas o custo da crise e a falsa oposição burguesa, igualmente corrupta.

CONTRA EDUARDO CUNHA

Mulheres se levantam em todo o Brasil

DA REDAÇÃO

Uma onda de protestos de mulheres tomou conta de várias capitais nos últimos dias e prometem continuar nas ruas nas próximas semanas. O estopim dos protestos foi a aprovação, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, do Projeto de Lei 5069/2013.

O PL 5069/2013, de autoria de Eduardo Cunha, é o maior retrocesso aos direitos reprodutivos das mulheres desde a década de 40. Ele ataca direitos básicos como o direito ao aborto legal em caso de estupro e o acesso à pílula do dia seguinte.

Se o projeto passar, a mulher que for estuprada vai passar por um triplo sofrimento. A mulher que sofrer violência sexual vai ter que ir primeiro a uma delegacia fazer um Boletim de Ocorrência e passar por um exame de corpo de delito. Depois dessa tortura, pois sabemos como é o atendimento nestes lugares, a mulher vai se dirigir a um dos poucos hospitais credenciados, sendo que há cidades que nem tem este serviço. Também não vai mais ser obrigatório para o profissional de saúde dar o atendimento profilático da gravidez, ou a chamada pílula do dia seguinte, e nem dar as orientações para esta mulher poder realizar o aborto legal.

As mulheres que já estão numa situação de extrema fragilidade por terem sido estupradas, vão ter que passar por mais situações constrangedoras e muitas vão acabar desistindo de fazer o aborto.

Podemos dizer que esta é a verdadeira intenção do projeto: na prática, proibir o aborto em casos de estupro e causar mais danos às vítimas de violência sexual.

NÃO ESTÁ SOZINHO

Eduardo Cunha (PMDB), autor do projeto, não está sozinho nesta cruzada contra os direitos das mulheres. O PL tem a coautoria de mais 12 deputados de 11 partidos, incluídos o PSDB e o PT, através do Deputado Padre Ton, presidente do PT de Rondônia.

Um projeto tão absurdo, causou a indignação e a mobilização das mulheres e rapidamente foram convocados protestos pelas redes sociais. Combinado a isso, a denúncia de Eduardo Cunha por corrupção e os US$ 5 milhões de dólares na Suíça, colocou mais lenha na fogueira das mobilizações que adotaram também o Fora Cunha (leia ao lado).

Ato realizado no Rio de Janeiro (RJ) em 28 de setembro pede o "Fora Cunha!"

MOVIMENTO

Organização pra lutar

O projeto desencadeou uma força que já vinha candente entre as mulheres, devido ao aumento da violência que passam as mulheres desde muito jovens.

Temos visto um fenômeno de formação de coletivos de mulheres nas universidades e também nas escolas de ensino médio. As manifestações estão refletindo esta disposição de lutar contra o machismo.

Opinião

Silvia Ferraro
do Movimento Mulheres em Luta

Doze anos de governo do PT e o aborto continua ilegal

A luta contra o PL 5069, acende novamente a questão da necessidade da legalização do aborto no Brasil. Estima-se que sejam praticados cerca de 1 milhão de abortos por ano e desses, 200 mil resultam em mulheres que ficam com sequelas ou morrem. Mas não são todas as mulheres que correm risco pelo aborto ser ilegal. As mulheres que podem pagar, recorrem a clínicas clandestinas e seguras. São as mulheres da classe trabalhadora, na sua maioria negras e pobres, que acabam pagando com a própria vida o preço de termos uma legislação retrógada. Uma mulher que nasce na Alemanha, nos EUA ou mesmo no Uruguai, se optar por interromper a gestação, poderá realizar o aborto legal e seguro no sistema público de saúde. Mas se esta mulher nascer no Brasil e ainda for negra e pobre, suas chances de morrer serão grandes.

O PT, que há mais de 12 anos governa o Brasil, rasgou a defesa que fazia da legalização do aborto, para fazer um pacto com os setores conservadores. Na "Carta ao Povo de Deus", Dilma já havia se comprometido a não colocar a questão da legalização do aborto em pauta no Congresso. No seu primeiro mandato, Dilma vetou o kit anti-homofobia nas escolas, reivindicação dos movimentos LGBTs, para assegurar o acordo com a bancada conservadora.

Agora, no momento em que Eduardo Cunha é denunciado no Conselho de Ética da Câmara por corrupção, Dilma, PT e Cunha, fazem um acordão para que o presidente da Câmara não seja destituído e, ao mesmo tempo, não vá em frente com o impeachment de Dilma.

Por isso, a nossa luta não pode parar no Fora Cunha. As mulheres trabalhadoras estão sofrendo vários ataques com os cortes de verbas na saúde, educação, creche, moradia e nos programas de combate à violência. É preciso incorporar no levante das mulheres contra o PL 5069 e pelo "Fora Cunha", o "Basta de Dilma, de Temer, de Aécio" e de todos os governos e partidos que estão atacando os direitos das mulheres.

NÃO FOI UM ACIDENTE

Foi uma tragédia anunciada

Rompimento da barragem em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG), está ligado à política das empresas mineradoras que buscam aumentar a produção, cortar custos e diminuir a mão de obra.

JERÔNIMO CASTRO,
DIRETO DE MARIANA (MG)

Pouco antes das 15 horas, do dia 5 de novembro, o telefone do Sindicato Metabase Inconfidentes, filiado à CSP-Conlutas, tocou. Um trabalhador da Samarco diz que a barragem de rejeito havia estourado em Mariana (MG). O sindicato tem uma Sub-sede na cidade. Perguntamos se era grave e se haviam vítimas. A resposta dele deixou claro o que estava por vir. Disse que a barragem não existia mais e que tinha muita gente lá.

Nas primeiras horas após o rompimento da barragem, vários trabalhadores nos ligam. Perguntavam se tínhamos notícias, passavam números desencontrados, na maioria dos casos, estavam atordoados com a tragédia que estavam vivendo.

As palavras fortes iam surgindo entre os próprios trabalhadores para descrever os fatos, tragédia, devastação, catástrofe.

Ao ligarmos para a empresa, silêncio, informações dúbias, diante de um dos piores acontecimentos da história da mineração brasileira que, diga-se de passagem, lucrou bilhões de dólares nos últimos anos. A ação da empresa nas primeiras horas foi uma atitude fria, que buscava esconder a incapacidade e a falta de preparo para enfrentar os acontecimentos.

O que sobrou de Bento Rodrigues

SOLIDARIEDADE DO POVO

A população reagiu diferente

No início da noite do dia 5, quando as proporções da tragédia começavam a se desenhar claramente, foi a população que reagiu primeiro.

Em um debate de estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFPO), realizado para recepcionar os calouros, se prestou a primeira homenagem às vítimas da ganância da empresa. Também aí se gestou um primeiro ato de denúncia contra a Vale: paralisar uma de suas minas, a de Timbopeba, na madrugada do dia seguinte.

Às 22 horas, o centro de convenções de Mariana já estava sendo tomado por populares que levavam roupas e alimentos para os atingidos. A reação foi tão forte que três dias depois, em 8 de novembro, já se anunciava que não era mais necessário levar doações para os atingidos.

Ao mesmo tempo, na Arena Mariana, um estádio poliesportivo próximo à única Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da cidade, se montou um centro de recepção aos atingidos. A reação foi instantaneamente a mesma, centenas de voluntários, na sua maioria jovens, se apresentaram para ajudar a socorrer os desabrigados.

Com a chegada dos primeiros moradores de Bento Rodrigues, a tragédia toma sua proporção mais humana, mais real, concreta. Na maioria dos casos, pessoas extremamente simples e que perderam tudo, buscavam reencontrar seus parentes.

UM PÃO PARA MEU FILHO

De todas as narrativas que ouvi nestes dias, foi a de uma mãe que estava neste abrigo a que mais me tocou.

Na distribuição de pães, feita pela manhã do dia seguinte à ruptura da barragem, uma mulher pede dois pães, um para ela e outro para seu filho. Quando foi perguntada sobre onde estava a criança, ela respondeu, ainda não chegou, mas vai chegar. Ela esperou o filho por todo o dia, e era possível vê-la no início da noite, com o pão na mão esperando pela sua chegada.

TUDO JUNTO

A culpa é da empresa e dos governos

Secretário do governo de MG diz que "empresa é vítima" da tragédia e diz que solução "é privatizar fiscalização".

Em 2014, a Samarco expandiu sua produção desordenadamente em 37%, o que chegou ao cúmulo de lhe render o prêmio de melhor mineradora em 2015

O que aconteceu, foi sem sombra de duvida trágico e devastador, mas não foi acidental.

Foi o resultado de uma política da empresa, do estado de Minas Gerais e do Estado Brasileiro, que poderiam ter evitado a catástrofe.

Um simples posto de comunicação no distrito de Bento Rodrigues, com um funcionário e um sistema de comunicação eficiente, teria permitido a retirada de todos os moradores da localidade.

Os trabalhadores e o sindicato têm constantemente denunciado a política das empresas mineradoras que buscam ao mesmo tempo aumentar a produção, cortar custos e diminuir a mão de obra.

A resultante desta equação é que menos trabalhadores trabalham mais e recebem menos. Em uma atividade como a da mineração, considerada de risco, aumentar a jornada, de forma direta ou indireta, significa ter um trabalhador em piores condições quando ele precisa de um máximo de atenção.

GOVERNO DE MINAS DIZ QUE EMPRESA É VÍTIMA

O rompimento da barragem da Samarco/Vale revelou claramente que não existe uma fiscalização das empresas mineradoras. Até aí, algo que todos os trabalhadores já sabem.

No entanto, revelou algo menos conhecido: a absurda posição do governo de Minas sobre a tragédia: *"Neste primeiro momento temos que ser solidários, tanto com a empresa, que também é uma vítima, como com a população e os trabalhadores"*, disse o secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico, Altamir Rôso, em um Fórum de mineração realizado na sede da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). Ou seja, na opinião do secretário há três vítimas: a população das comunidades atingidas, os trabalhadores mortos e a empresa que causou todo este caos. Pior ainda, diante da situação, o mesmo secretário declarou: *"discordo que não haja rigidez no licenciamento ambiental, pelo contrário. Afirmo com toda tranquilidade que existe excesso de rigidez no licenciamento e um excesso de órgãos envolvidos"*. Ele ainda completou: *"Alguém precisa fiscalizar, não precisa ser o Estado, que pode delegar a outros. Uma empresa pode ser contratada para fazer isso"*.

Ou seja, diante da maior tragédia da mineração brasileira, o secretário do estado, diz que o problema é o excesso de fiscalização e que a solução do problema é privatizar essa fiscalização. Como diz um ditado popular, o que secretário propõe é colocar o bode para cuidar da horta.

É COMIGO!

Queremos a verdade

A empresa e o Estado estão mancomunados com o objetivo de esconder as verdadeiras proporções da tragédia provocada pela ruptura das barragens de rejeito da Samarco. Queremos saber exatamente quantos trabalhadores entraram nas instalações da empresa naquele dia e quantos saíram. A empresa tem cartão eletrônico que gera um documento, portanto de fácil averiguação.

Do mesmo modo, queremos que a prefeitura de Mariana divulgue quantas pessoas viviam em Bento Rodrigues, quantas foram resgatadas e onde elas estão.

Exigimos que a empresa apresente já a composição exata da barragem de rejeito. Não se sabe que produtos químicos existem na lama que contaminou pessoas, animais rios e águas.

Samarco

A Samarco é uma mineradora de capital fechado, com uma composição acionária de 50% para a Vale e 50% para a anglo-australiana BHP Billiton. Essas duas empresas são as maiores mineradoras do mundo, e a Samarco é a décima maior exportadora do país.

O que propomos

1 Em primeiro lugar, é necessário socorrer as vítimas da tragédia. Os moradores de Bento Rodrigues precisam ter suas vidas totalmente reconstruídas. A responsabilidade por isso é, em primeiro lugar, da Samarco/Vale. Os danos causados aos moradores devem ser inteiramente ressarcidos, casas, plantações, hortas, animais doméstico ou de criação.

2 Não foi um acidente! Os responsáveis por esta tragédia têm que ser responsabilizados. Não apenas queremos que as perdas sejam ressarcidas. Os envolvidos na tragédia, os responsáveis pela fiscalização, aqueles que dentro da empresa "garantiam" que se podia seguir trabalhando normalmente, devem ser punidos.

3 Exigimos que os danos provocados ao meio ambiente sejam revertidos. E os irreversíveis sejam ressarcidos.

4 A Samarco não pode jogar nas costas dos trabalhadores, diretos ou terceirizados, o ônus pelos erros que ela cometeu. Ela tem que garantir salário e emprego a todos os seus funcionários, primários e terceiros, até que a empresa volte a funcionar.

5 Os grandes acionistas da Samarco/Vale deixaram claro que não conseguem administrar uma grande empresa mineradora. É necessário estatizar a Samarco imediatamente, sem indenizações, e sobre o controle dos trabalhadores, garantido às comunidades o direito de opinar sobre seu funcionamento.

6 A tragédia da Barragem da Samarco deixa claro que é necessária mais fiscalização e controle sobre a mineração. Os trabalhadores têm que ter condição de fiscalizar as obras e operações das grandes mineradoras. É necessário que os trabalhadores possam eleger agentes de saúde e segurança, no número de um para cada cinquenta trabalhadores. Uma comissão deste tipo se somaria à Comissão Interna de Prevenção de Acidentes na Mineração (CIPAMIN) com o objetivo de proteger a vida e a segurança dos trabalhadores.

7 As comunidades afetadas pelas grandes mineradoras têm que ser consultadas e envolvidas no processo de concessão, manutenção e operação dos grandes projetos minerários. Precisam ter o direito de opinar, ter garantias sobre a própria segurança e a de seus meios de vida.

8 A preservação do meio ambiente, dos parques nacionais, do solo, dos grandes mananciais e reservas d'água, num momento em que muitos destes recursos estão sendo degradados deve ser um elemento de equilíbrio entre a necessidade real de minerar e os danos que este empreendimento causa ou pode causar.

9 A privatização das mineradoras no Brasil, em especial de Vale e da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), foi um roubo. A privatização significou um aumento de doenças, demissões, diminuição de salário, desrespeito às comunidades atingidas, destruição do meio ambiente, acidentes e mortes. Tudo isso para garantir o lucro de meia dúzia de acionistas. Só a reestatização das empresas mineradoras, sob o controle dos trabalhadores e com a garantia das comunidades opinar emsobre seu funcionamento, poderá reverter este processo.

PAROU GERAL

Petroleiros fazem uma das

Iniciada no dia 29 de outubro nas bases da Frente Nacional dos Petroleiros (FNP), a greve dos trabalhadores da Petrobras rapidamente se espalhou para todo o país, obrigando a entrada da Federação Única dos Petroleiros, ligada à CUT (FUP) e se tornou a mais forte greve desde 1995. É uma greve radicalizada pela base e que se enfrenta diretamente com o governo Dilma e seu plano de desinvestimento e privatização da estatal. Entre as reivindicações está o fim da privatização e a reestatização da empresa, sob o controle dos trabalhadores.

A Petrobras é a 9ª maior empresa do mundo. O problema é que seu crescimento é obtido com a utilização do patrimônio nacional e nossas reservas petrolíferas, mas a maioria das ações fica nas mãos dos grandes especuladores internacionais. Somente 32,8% das ações estão nas mãos da União. Mais de 50% estão negociadas na Bolsa de Nova Iorque. Em 2010, foram distribuídos R$ 8,335 bilhões em dividendos (lucros) a esses acionistas.

Agora, com o Projeto de Desinvestimento do governo Dilma e do presidente da Petrobras, Aldemir Bendine, querem transformá-la numa das maiores prestadoras de serviços do mundo para as transnacionais petrolíferas.

Defendemos uma nova Petrobras, uma empresa integrada em toda a cadeia produtiva: exploração, produção, transporte, refino, importação e exportação, distribuição e petroquímica.

Seria um instrumento estratégico de aplicação das políticas energéticas e da soberania nacional. Poderia estabelecer diretrizes para alianças entre companhias estatais de petróleo, com ênfase nas outras estatais, e a integração energética no Mercosul e na América Latina como um todo.

Garantiria a retomada da participação na produção e mercado de fertilizantes e insumos agrícolas. Reduziria os custos de produtos agrícolas, que hoje oneram e inviabilizam a produção, principalmente para os médios e pequenos produtores, quase totalmente dependentes de empresas multinacionais estrangeiras.

Com o monopólio estatal e uma Petrobras 100% estatal, poderemos acabar com o alinhamento dos preços dos derivados às flutuações dos preços do óleo no mercado internacional.

Com este alinhamento de hoje perdem todos. Perde a Petrobras, pois sua atividade de refino apresenta uma das menores margens de lucro. Perde a economia nacional, pois deixa de usar o combustível para o desenvolvimento do país. E favorece o aumento da inflação com aumentos de preços.

Essa medida faria baixar o preço do combustível, principalmente para os meios de transporte coletivos e de carga. O preço da passagem de ônibus seria irrisório e os alimentos custariam menos. E o gás de cozinha poderia, inclusive, ser distribuído gratuitamente para a população mais carente, de forma subsidiada.

Opinião

Bruno Dantas
do Sindpetro-AL/SE

Chega de corrupção e privatização

A corrupção existe na Petrobras desde a época da ditadura militar, com os ditadores Emilio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, e esteve sempre ligada à privatização. Eles beneficiavam grupos empresariais como Odebrecht, Ultra, Mariani e Suzano.

Esse processo de privatização passou pelos governos tucanos de Fernando Henrique Cardoso, que acabou com o monopólio da Petrobras, mas também continuou com Lula, que deu continuidade aos leilões iniciados pelo PSDB e o leilão do megacampo de Libra em 2013, que foi considerado a maior privatização já realizada na história do Brasil. Agora, o governo Dilma pretende avançar na privatização da Petrobras através de seu Plano de Desinvestimento.

Nas eleições de 2010, Dilma Rousseff prometeu que não privatizaria o Pré-sal da Petrobras. *"Isso seria um crime contra o Brasil porque o pré-sal é nosso grande passaporte para o futuro"*, disse na ocasião.

Mentiu, e o governo do PT continuou com a política privatista do PSDB e de FHC. Desde 2002, já foram seis leilões de reservas de petróleo, com destaque para a trágica privatização do Campo de Libra, em outubro de 2013. Também foi na gestão petista que a mão de obra terceirizada teve um salto gigantesco. Hoje são cerca de 90 mil empregados próprios da Petrobras contra quase 400 mil terceirizados.

Terceirização que levou a uma relação promíscua com as empreiteiras em obras como a Refinaria Abreu e Lima e o Comperj, palcos de inúmeras greves contra as más condições de trabalho e salários. Relações que levam à corrupção e maracutais, garantem as propinas dos políticos corruptos, mas também os lucros dos acionistas, particularmente os internacionais que pegam seus dividendos na Bolsa de Nova Iorque.

O caso atual de corrupção na Petrobras reforça o debate sobre a necessidade de uma Petrobrás 100% estatal e controlada pelos trabalhadores. Só assim, a estatal deixará de ser esse balcão de negociatas e corrupção tocadas pelos partidos e empreiteiras. Somente isso acabará com a corrupção. A corrupção na Petrobras reforça também a necessidade da proibição do financiamento dos partidos pelas empresas.

Defendemos que a empresa seja controlada por aqueles que trabalham nela. Com isso, podem transformar a riqueza que produz em investimento na educação, saúde, moradia e transporte público, e baratear o preço da gasolina, diesel e gás de cozinha, beneficiando todo o povo brasileiro.

maiores greves da história

SOMOS TODOS PETROLEIROS

Greve continua contra o Plano de Desinvestimento de Dilma e Bendine

No dia 9 de novembro, enquanto fechávamos essa edição, acabava de acontecer uma negociação entre grevistas e a direção da Petrobrás. O dirigente da Federação Nacional dos Petroleiros e do Sindipetro de Alagoas e Sergipe, Clarkson Messias, declarou que é fundamental fortalecer a greve dos petroleiros para que se possa ter vitórias nesta greve. Nesta primeira reunião, nenhuma proposta importante foi apresentada.

A empresa, a mando do governo Dilma, continua atacando os trabalhadores. São quase uma dezena de interditos proibitórios e mandatos judiciais, prisões de grevistas, assédio moral e intimidação dos trabalhadores, através das chefias, gerencias e da polícia.

Por isso é fundamental que a base mantenha a mesma disposição para continuar na luta, e, inclusive, não aceite certos recuos, como os dirigentes dos sindicatos ligados a FUP (CUT) começam a propor. Além disso, é fundamental buscar a solidariedade da população e dos trabalhadores de maneira geral para termos uma greve vitoriosa.

NÃO TEM ARREGO

No Litoral Paulista, os piquetes se intensificam

No 12º dia da greve na Refinaria Presidente Bernardes (RBPC), em Cubatão, petroleiros de base compareceram à refinaria e ajudaram o sindicato a organizar um forte operativo nas portarias da unidade, fechando inclusive a entrada do CEAD (Centro de Excelência em Estudo e Análise Dinâmica do Abastecimento) e do SMS (Segurança, Meio Ambiente e Saúde).

Na Alemoa, trabalhadores e diretores do sindicato fecharam as principais entradas para o terminal. Os pelegos têm usado barcos para entrar na unidade. A manifestação na Alemoa contou com a solidariedade dos químicos de Osasco e da CSP-Conlutas. A greve no terminal tem adesão de 100% do turno e administrativo.

No Litoral Norte, 100% de adesão na operação, 90% na manutenção e 80% do administrativo. A greve segue no Tebar. A produção da unidade já despencou em 40%. Na Unidade de Tratamento de Gás Monteiro Lobato (UTGCA), em Caraguatatuba, mesmo após a repressão orquestrada pela gerência, o movimento segue forte.

No Terminal de Pilões, o movimento cresce a cada dia graças ao trabalho de conscientização feito ao longo da greve. O turno aderiu em 80%, e o administrativo em 90%. As plataformas de Mexilhão e Merluza continuam sendo operadas pelos grupos de contingência, com os grevistas em terra se incorporando em todas as atividades do sindicato.

No Edifício Valongo, em Santos, os trabalhadores em greve que resistem na entrada do prédio, base do pré-sal, recebem a força de petroleiros das plataformas de Merluza e Mexilhão, aposentados e de químicos de Osasco.

A CULPA É DE QUEM?

“A greve continua, Dilma a culpa é sua”

Com este grito de greve, os petroleiros realizaram uma vigília em frente à porta do Edifício Edise, sede da empresa, nesse dia 9, no Rio de Janeiro. A vigília contou com a presença de dirigentes da FNP e da FUP, e Sindipetros do Norte Fluminense, Caxias, Alagoas e Sergipe, Litoral Paulista e outros. Do Norte Fluminense, foram dois ônibus com grevistas e militantes do movimento, um de Campos e outro de Macaé. Todos voltaram às suas bases com mais disposição de seguir na greve.

"LUTAMOS POR UMA VIDA MELHOR E POR TERRITÓRIO LIVRE"

Zilmar Pinto Mendes é uma das mais importantes lideranças do Movimento Quilombolas do Maranhão (MOQUIBOM). Reside em Charco, comunidade quilombola fundamental para a organização do movimento. Em junho, estiveram à frente da ocupação vitoriosa do INCRA-MA que resultou na desapropriação dos imóveis das comunidades de Charco e Santa Rosa dos Pretos. Na ação, 26 ativistas fizeram greve de fome, sendo a maioria mulheres. Dezenas de movimentos, como o Quilombo Raça e Classe, Quilombo Urbano, ANEL e Comissão Pastoral da Terra (CPT) apoiaram a ocupação, enquanto a Secretaria de Igualdade Racial do Maranhão manteve-se indiferente. Confira a entrevista que o Opinião fez coma essa guerreira.

Zilmar Mendes, líderança do MOQUIBOM. Abaixo, quilombolas e indígenas em greve de fome.

Opinião: Como surgiu o MOQUIBOM?

Zilmar Mendes – Surgiu da necessidade de articular as comunidades que estavam desanimadas e esquecidas. Começamos a trabalhar para mudar isso. Hoje, o MOQUIBOM é reconhecido no Brasil e até internacionalmente.

Opinião: Como é a vida das mulheres negras nas comunidades quilombolas?

Zilmar Mendes – Lutamos por uma vida melhor nas comunidades e por território livre. E quando falo território livre não é só um pedaço de chão, mas educação, saúde que nossa comunidade não tem. Por isso, as mulheres negras têm que estar na luta. Porque se a gente fica quieta, no canto e isolada a gente só tem a sofrer com a repressão e o preconceito.

Opinião: Você já teve parentes vitimados por jagunços?

Zilmar Mendes – Tive em 2010. Meu tio Flaviano Pinto Neto foi assassinado com sete tiros na cabeça por lutar pelo território livre aqui em Charco. Até hoje, os assassinos dele estão impunes. Agora mesmo, os desembargadores deram *habeas corpus* pro tal de Manuel Gentil e Antônio Gomes, acusados de serem os mandantes do crime. Inocentaram e alegaram que não encontraram provas. Isso aí gera indignação para nós. Essas pessoas matam e ficam impunes. Isso é revoltante para nós que vivemos lutando por um pedaço de chão na comunidade.

Opinião: O MOQUIBOM está ajudando a construir uma articulação nacional dos povos. Você poderia nos falar sobre essa iniciativa?

Zilmar Mendes – Depois que o MOQUIBOM partiu pra luta, a gente teve mais um pouco de liberdade em nossa comunidade. E, hoje, a gente tem uma articulação nacional que se encontrou em Brasília para trocar experiências com movimentos de vários estados porque a luta dos quilombolas, indígenas e todas as comunidades tradicionais é a mesma luta. Então, pra que a gente não fique mais lutando sozinho, devemos ficar cada vez mais unidos e lutando não só por um território e não só por uma comunidade, mas em benefício de todos os povos que estão no mesmo conflito. A gente sabe que o conflito maior é por terra contra aqueles que se dizem donos das nossas terras e expulsam comunidades inteiras para a periferia das cidades. Lá, as pessoas são mortas pela polícia que diz que somos bandidos, principalmente os negros e negras. Por isso, a luta aqui é importante.

Opinião: Qual é a importância de entidades como a CSP Conlutas para o MOQUIBOM?

Zilmar Mendes – Hoje, é muito importante pra nós por que, sempre que a gente precisa, a Conlutas está junto. E quando a Conlutas precisa, a gente tá junto, denunciando, acampando. Porque nosso objetivo é um só.

Opinião: Como você vê o tratamento que uma presidente mulher, como Dilma, tem dado às mulheres quilombolas em seu governo?

Zilmar Mendes – Eu acho que ela devia olhar mais para os jovens e principalmente para as mulheres do campo. Não tá fácil. Hoje a gente compra uma coisa e amanhã tá mais caro. Então, pra nós negras, não está fácil sobreviver, porque nós perdemos a terra que Dilma devia titular, e se ela não titula fica cada vez mais difícil pra nós.

Opinião: Em junho deste ano, o MOQUIBOM e outras organizações ocuparam o INCRA do Maranhão. Como a SEPPIR e a SEEIR se comportaram?

Zilmar Mendes – Eu não soube de nenhuma nota ou apoio deles ao nosso movimento.

Opinião: Com a subida de Flávio Dino, do PCdoB, ao governo do Maranhão, houve alguma mudança para você?

Zilmar Mendes – Pra nós, não mudou nada, nada. Não teve mudança nenhuma. Na primeira vez que a gente foi em frente ao Palácio, a gente foi reprimido. Até o carro de som não podia ficar ali pra gente falar o que precisava naquele momento.

Opinião: A luta do MOQUIBOM é só por titulação de terras?

Zilmar Mendes – Não. É pela sobrevivência, por todos os territórios livres, moradias de qualidades, água de qualidade, saúde de qualidade, educação para nossos jovens e nossas crianças. O MOQUIBOM não é só por terra, e sim por todos os direitos.

VIVA ZUMBI

VIVA A LUTA, E A CONSCIÊN

Dandara, liderança quilombola e esposa de Zumbi dos Palmares

HERTZ DIAS, DE SÃO LUÍS (MA)

No dia 20 de novembro de 1695, morria degolado, aos 49 anos de idade, a maior liderança negra da história do Brasil, Zumbi de Palmares. Neste ano, se comemoram 320 anos de sua imortalidade. A luta de Zumbi, bem como a resistência do Quilombo de Palmares por um século, e que alcançou uma população de 30 mil habitantes, tem para nós efeitos positivos: serve para estabelecer o elo com a nossa descendência e nossos antepassados, e nos mantêm informados sobre a nossa história, nossa luta no enfrentamento ao racismo e na construção de modelo igualitário de sociedade.

Rememorar Zumbi no 20 de novembro tem sido uma ação do Movimento Negro desde a década de 1970 para destacar o herói insurgente que se opôs ao cativeiro. Sua resistência fortalece a construção da autoimagem positiva dos negros e negras em contraposição à aceitação passiva da escravidão. Contudo, essa ação tem individualizado a figura de Zumbi, como se sozinho fosse capaz de transformar Palmares em território de liberdade durante um século. Neste sentido, é preciso resgatar na história de Palmares e suas lideranças.

TRÊS GERAÇÕES

O Quilombo de Palmares constituiu-se de sucessivas gerações de lideranças: a primeira com Aqualtune, nascida de algum rei do Congo, teve 3 filhos: Ganga Zumba, Ganga Zona e Sabina, esta última, mãe de Zumbi dos Palmares que casou com Dandara e teve 3 filhos: Motumbo, Harmodio e Aristogíton.

GUERREIRA NEGRA

O momento marcante de Palmares coincide com a resistência de Zumbi e Dandara, que lutaram contra o sistema escravocrata do século 17. A biografia de Dandara ainda é pouco conhecida. Não se sabe ao certo se sua ascendência é africana, mas acredita-se que nasceu no Brasil e foi criada desde muito pequena em Palmares. Ela tinha domínio de táticas de guerra, participou de todos os ataques e defesa de Palmares, e opôs-se, ao lado de Zumbi, ao tratado de paz de Ganga Zumba com governo português. Ela venceu venceu batalhas até ser assassinada no dia 6 de fevereiro de 1694, quase dois anos antes da morte de Zumbi.

20 de Novembro e sua importância no calendário de lutas

Um calendário de lutas serve para dar visibilidade e demarcar as lutas sociais como memória de nossa negritude. O 20 de Novembro, comemorado desde 1971 pelo Grupo Palmares do Rio Grande do Sul, tinha uma demarcação política definida: denunciar a farsa da abolição do 13 de maio, mas principalmente estabelecer o fato mais importante da história de luta do povo negro, o Quilombo de Palmares e Zumbi como herói negro. Com base nesse propósito, é que, em 1978, o Movimento Negro Unificado (MNU) adota o 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra". Esta data foi oficializado pela Lei 10.639/03 no calendário nacional.

O tricentenário de Zumbi

O momento forte de celebração do 20 de novembro foi em 1995. Neste anos, entidades do Movimento Negro conseguiram mobilizar para Brasília cerca de 30 mil pessoas em comemoração ao tricentenário de Zumbi. Esta marcha pressionou o governo de FHC, exigindo políticas públicas e reparações por mais de 350 anos de escravidão.

No documento "Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial", entregue durante a Marcha, as reivindicações se concentraram em torno de bandeiras contra o racismo no mercado de trabalho, educação, cultura e comunicação, saúde, violência, religião e pelo acesso à terra.

O documento também abordava denúncias sobre genocídio e exclusão, bem como a necessidade do Estado coibir essas formas de racismo.

A resposta desse governo, no entanto, foi somente simbólica. Criou um Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, instituído posteriormente em 1996. O foco deste Grupo de Trabalho era colocar a questão racial na agenda nacional. Contudo, o governo do PSDB piorava as condições de vida da população negra com a aplicação de políticas neoliberais, retirando direitos sociais básicos e privatizando empresas públicas.

E DANDARA!

A RESISTÊNCIA

NCIA NEGRA!

Governo Lula e a cooptação do movimento negro

Em 2005, passados 10 anos da 1ª marcha, foi realizada uma 2ª Marcha Zumbi +10 com objetivo de fazer um balanço nesses dez anos do que foi implementado de política racial no país.

A 2ª Marcha, já no Governo Lula, exigia a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e do Projeto de Cotas nas Universidades, agilidade na regularização das terras quilombolas, combate ao genocídio da população negra e contra a intolerância às religiões de matriz africanas. A questão racial passou a fazer parte da agenda política e lideranças negras começaram a fazer parte do governo, ingressando na Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR).

A criação da SEPPIR, a Lei 10.639/2003 e aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, foram as principais políticas adotadas durante o governo do PT. Implementadas com sérios problemas, a SEPPIR foi um engodo para cooptar o movimento. Era a secretaria que tinha o menor orçamento até ser extinta em 2015 pelo governo Dilma, mostrando total descaso e descompromisso com a reparação e justiça ao povo negro.

O Estatuto da Igualdade Racial passou 10 anos tramitando no Congresso. e quando foi aprovado suprimiu importantes pautas da luta negra como as cotas nas universidades públicas, cotas no mercado de trabalho, regularização de terras para remanescentes de quilombos.

Povo negro não tem nada a esperar do governo Dilma

Além da extinção da SEPPIR, outras medidas do governo atacaram a população negra, como a não titulação de terras quilombolas e indígenas, os cortes no orçamento da educação (R$ 13 bilhões) e saúde (R$ 11,7 bilhões), redução de gastos com o programa Minha Casa Minha Vida, prejudicando várias famílias. Além disso, o aumento de genocídio da juventude negra, violência contra a mulher, a falta de recursos para aplicação da lei 10.639/2003, que obriga o ensino da história da África e da escravidão no Brasil, nas escolas, bem como a destinação de quase 50% do orçamento público para pagamento de banqueiros, mostram de que lado a Dilma está. Para piorar, o governo Dilmamanteve a ocupação militar no Haiti para reprimir os haitianos. Ou seja, não há nenhum interesse em erradicar o racismo. Por isso, o povo negro não tem nenhum interesse em defender esse governo.

O sentido da consciência negra

Construir a Marcha da Periferia Zumbi e Dandara+20 contra Dilma, o Congresso e a direita

Este 20 novembro será marcado pelos 320 anos de Zumbi, e a data é um momento é de reflexão. Um momento para exigir ao governo a implementação das políticas de ações afirmativas para o povo negro. Um momento para denunciar o racismo praticado através de sua forma mais cruel: genocídio, violência, intolerância e xenofobia. Não houve nenhum mecanismo de punição por parte dos governos do PT destes crimes. Hoje ha um processo de banalização do racismo e impunidade.

Por isso, a marcha Zumbi e Dandara + 20 tem um forte significado. Traz à tona a memória da resistência negra através das lutas, fugas e dos quilombos. No entanto, há insistência por parte de setores do movimento negro em valorizar o processo de negociação com o governo do PT, criando a ilusão de que a condição de vida dos negros melhorou com as pequenas reformas por dentro do Estado e de que é possível acabar com o racismo por dentro do capitalismo.

Memorizar o 20 de novembro é resgatar o movimento de rebeldia permanente e organizado que se deu nos quilombos pelos próprios negros, sem negociação. Naquela luta estava a ideia de liberdade, inconciliável com o sistema escravista e aos interesses dos senhores escravocratas.

O Quilombo de Palmares e seus líderes, Zumbi e Dandara não foram domesticados,

não barganharam e não se renderam a acordos escusos com o sistema opressor. A luta da população negra é guiada por referências na cultura, na história e na resistência. Este é o verdadeiro sentido da consciência negra.

A REVOLUÇÃO HAITIANA E A LUTA DOS NEGROS E NEGRAS EM TODO O MUNDO

MARCOS VINÍCIUS ARAÚJO, DE SALVADOR (BA)

O Haiti foi a primeira e única colônia das Américas onde ocorreu uma revolução de negros escravizados ainda no século 18. Foi a vitrine mundial da capacidade de luta dos superexplorados, significando a possibilidade concreta de liberdade para milhares de negros escravizados.

No Brasil, influenciou fortemente as revoltas dos negros como a Cabanagem, no Pará (1835-1840), e a Revolta dos Malês, em Salvador (1835), fazendo as classes dominantes tremerem em engenhos e palácios.

O povo haitiano que deu este belo exemplo revolucionário continua resistindo e inspirando negros em todo o mundo a lutarem.

Apesar da vitória, a economia haitiana estava em ruínas e o país aceitou pagar uma dívida à França pra indenizar os colonos. Durante o século 19, o peso da dívida nas finanças do Haiti, a devastação das florestas e o empobrecimento do solo causado pela exploração excessiva afetaram o desenvolvimento da nova república. Os choques internos originaram guerras civis e até a divisão temporária do país. No século XX, o imperialismo norte-americano considera o Caribe como seu quintal e o Haiti sofreu sucessivas ocupações militares. A última ocupação ocorreu em 2004, mas desta vez não foram os EUA que a lideraram, pois o imperialismo americano já se encontrava mergulhado na guerra do Irã e Afeganistão. Dessa vez, os EUA terceirizaram a ocupação para o Brasil. O Brasil, terra em que negros escravizados estavam irmanados em lutas de libertação com os haitianos, transformou-se em aliado do Imperialismo nos ataques ao Haiti. E o pior é que isso foi realizado pelos governos Lula e Dilma (PT).

'Batalha pela Colina da Palmeira, em São Domingo' (1845), de January Suchodolski. Rebeldes haitianos combatem tropas polonesas a serviço da França.

PT aliado do Imperialismo na ofensiva ao povo haitiano

Lula inspeciona batalhão brasileiro da Minustah.

É visível no cotidiano do povo haitiano as condições sub-humanas de vida e a dominação política, frutos da superexploração do imperialismo. A falta de saneamento, alimentos, moradia e água potável, a epidemia de cólera que assola o país, o subemprego, os baixos salários, não deixam dúvidas da dureza destes ataques.

Muitos alegam que a culpa é do terremoto de 2010 e do atraso cultural de um povo supostamente incapaz de se autodeterminar. Essa tese serve pra justificar a intervenção dos países ricos, povoando todo território de exércitos e de ONGs "cheias de boas intenções" que supostamente vão "salvar" o Haiti.

Na verdade, essa tese esconde a exploração realizada por meia dúzia de multinacionais, concentradas em cerca de 18 zonas francas. Elas aproveitam a mão de obra mais barata das Américas para produzir para o mercado dos EUA.

A ocupação liderada pelo exército brasileiro, sob ordens dos governos do PT, tem mantido suas tropas no país a serviço deste projeto e não da falácia de "ajuda humanitária". Em outubro, o governo Dilma renovou mais uma vez a permanência das tropas no Haiti. Até 2012, a ocupação custou R$ 3,04 bilhões aos cofres públicos, sendo penas R$ 709 milhões do total reembolsados pela ONU. Um verdadeiro absurdo para um país onde a imensa maioria da sua classe trabalhadora é negra, cujas riquezas também são saqueadas por estes mesmos países imperialistas que atacam o Haiti.

Esta drástica situação tem levado milhares de haitianos a se refugiarem na América Latina. O Brasil vem recebendo parte desses imigrantes haitianos que chegam aqui sem documentos, moradia e trabalho e que sofrem com a xenofobia e racismo, sem qualquer assistência do governo Dilma.

A luta do povo haitiano mostra o caminho

O exemplo do povo haitiano não é uma história do passado. A palavra de ordem "Fora MINUSTAH!" não só está registrada nos muros da capital do Haiti, mas também na consciência de todos que lutam por liberdade.

Neste tempo de ocupação, houve levantes populares espontâneos causados pela fome, luta estudantil nas faculdades, atos de rua, greves radicalizadas de operários, mobilizações em bairros pobres. Todas duramente reprimidas pela MINUSTAH!

Mas estas lutas não estão isoladas. Internacionalmente, a Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT) vêm encabeçando, juntamente com outras organizações sindicais, estudantis e populares, campanhas e atos em defesa do povo haitiano e pela retirada das tropas da MINUSTAH. No Brasil, a União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH), fundada em janeiro deste ano, mostra que para a luta do povo negro haitiano não existem fronteiras.

Só com uma revolução em aliança com a classe operária, que os negros em todo mundo terão reais chances de inaugurar uma sociedade que enterre de uma vez por todas a exploração, o racismo e a xenofobia.

SAÍDA PARA A CRISE

CSP-Conlutas chama a construção de uma alternativa para os trabalhadores

Reunião da central também rejeita frente com o governismo

DA REDAÇÃO

A reunião da Coordenação Nacional da CSP-Conlutas, realizada em São Paulo nos dias 6, 7 e 8 de novembro, reuniu 93 representantes de entidades e 79 observadores de mais de 20 estados.

Diante da conjuntura de crise e de ataques do governo federal, Congresso, governos de estados e municípios e da patronal aos trabalhadores, se multiplicam as lutas. Neste momento, no centro desse embate está a greve dos petroleiros.

A avaliação de conjuntura aponta que a ação da burocracia sindical, especialmente da CUT, é de impedir a unificação das greves e campanhas salariais e defender o governo Dilma. Trabalhadores dos correios, bancários e petroleiros poderiam ter ido a uma greve unificada e constituído uma alavanca para a construção de uma greve geral que botasse abaixo o ajuste fiscal do governo Dilma, do Congresso e da oposição de direita. Porém, tal política implica em lutar contra o governo e não em blindá-lo.

A resolução aprovada diz: *"os petroleiros estão protagonizando a maior greve da categoria desde 1995. Uma das tarefas centrais desta Coordenação é cercar de solidariedade a greve dos petroleiros. O papel das direções governistas e da burocracia sindical tem sido nefasto. Quando não conseguem impedir a eclosão das lutas, trabalham conscientemente pela sua divisão. Além disso, a burocracia vem fechando acordos rebaixados e usando o PPE em larga escala ao invés de lutar contra as demissões. Portanto, o grande desafio é a construção de uma alternativa de direção que se credencie a disputar os rumos do país na atual crise política e fortalecermos a construção de uma alternativa classista dos trabalhadores e do povo pobre."*

POLÊMICA

A polêmica com a "Frente Povo Sem Medo"

O centro da polêmica se deu em torno à "Frente Povo Sem Medo", que denuncia a oposição de direita e o ajuste fiscal, mas blinda o governo Dilma.

A mesa foi composta pelos membros da Secretaria Executiva Nacional, Joaninha de Oliveira e o Amaury Fragoso, e pelo convidado da Executiva, Maurício Costa, do PSOL, que defendeu a participação da CSP-Conlutas na Frente Povo Sem Medo.

Amauri, do Andes-SN, defendeu a unidade com os setores que estejam efetivamente na classe trabalhadora, *"sem que estejam querendo fazer uma luta contra os ajustes ao mesmo tempo que tentam blindar o governo"*, disse. Para Joaninha *"é preciso fortalecer o Espaço de Unidade de Ação, em que mais de 40 entidades construíram a marcha dos trabalhadores e trabalhadoras que reuniu os 15 mil em São Paulo."*

Para Maurício, o terceiro campo ainda não está posto, faltam novas ações para concretizá-lo, entre elas a participação na Frente Sem Medo, por representar um setor mais amplo dos trabalhadores.

Foram 45 intervenções cuja ampla maioria defendeu que a "Frente Povo Sem Medo" é uma reedição da frente por reformas populares. Uma frente que aplica uma política de blindagem do governo Dilma, quando é necessário o fortalecimento do campo de luta em contraponto ao governismo e à oposição de direita. Não uma frente com o governismo como é essa Frente. Aprovada por ampla maioria, a resolução diz que a CSP-Conlutas não participará desta Frente e seguirá construindo uma alternativa classista dos trabalhadores.

É COMIGO!

Confira a resolução sobre a Frente

"A principal resolução da nossa Coordenação Nacional de agosto foi a realização de uma marcha nacional e de um encontro de lutadores, como expressão de um campo alternativo dos trabalhadores às duas frentes burguesas que disputam os rumos do país (a frente governista e a frente de oposição capitaneada pelo PSDB).

Seguiremos fazendo o chamado à unidade para lutar à CUT e demais direções do movimento de massas. Não faremos nenhum condicionamento a essa unidade de ação, se ela se der em torno de algum ponto concreto de defesa dos interesses da classe. Mas vamos nos dedicar, com prioridade, ao fortalecimento e continuidade de um polo classista de mobilização contra o governo e a oposição burguesa de direita, a partir da CSP-Conlutas e do Espaço de Unidade de Ação. Nesse sentido, vamos fortalecer o Espaço de Unidade de Ação para que atue como uma frente de organizações e movimentos em torno ao programa votado no Encontro de Lutadores."

VEM AÍ

Confira o calendário de lutas aprovado na reunião

- **Campanha nacional de apoio à greve dos petroleiros** e participação nas demais lutas e mobilizações em curso;
- **Novembro Negro:** participação nas atividades do mês da Consciência Negra com destaque para o dia 20/11 e as Marchas da Periferia;
- **Jornada de lutas do movimento popular** de 18 a 25 de novembro; com manifestações dia 18
- **Participação e construção dos atos contra o PL 5096 e pelo Fora Cunha** em defesa dos direitos reprodutivos das mulheres;
- **Início de dezembro:** Caravana ao Mato Grosso do Sul em apoio à luta dos povos indígenas Guaranis Kaiowás.

MORADIA

“Vamos lutar contra as remoções e pelo congelamento dos aluguéis”

O Opinião entrevistou Helena Silvestre, dirigente do movimento Luta Popular. Na entrevista ela explica o Dia Nacional de Lutas que o movimento realiza no próximo dia 18. Confira

DA REDAÇÃO

O QUE VAI SER O DIA 18 E QUAIS SÃO AS PAUTAS QUE SERÃO APRESENTADAS?

Helena Silvestre - O dia 18 de novembro vai ser o dia em que o movimento Luta Popular, em alguns estados onde a gente vem construindo trabalho, vai realizar um Dia Nacional de Lutas. A data, para nós, abre essa jornada que deve seguir com ações até o dia 25.

As pautas que a gente construiu tem a ver diretamente com as questões que afetam os trabalhadores mais pobres da cidade, e também são os motivos pelos quais o movimento existe e se organiza pra lutar. É uma pauta contra os despejos, contra as remoções, pelo congelamento dos aluguéis que tem sofrido uma inflação exorbitante nos últimos anos, prejudicando os trabalhadores mais pobres. Lutamos também pra que não haja cortes, por parte do governo, nos orçamento pra habitação e pra outras esferas que se relacionam com moradia e infraestrutura urbana, e no Ministério das Cidades.

> “Vai haver um congelamento dos subsídios que hoje o governo financia pra que os trabalhadores mais pobres possam viabilizar suas moradias”

Nós construímos essas jornada e pauta de reinvindicações pensando muito no atual contexto de ataque da política de ajustes do Governo Federal. Os governos dizem que não vão cortar gastos com o [programa] Minha casa, Minha Vida, mas isso não é verdade.

Vai haver um congelamento dos subsídios, que são os juros, que hoje o governo financia pra que seja viável os trabalhadores mais pobres possam viabilizar suas moradias. Com esse congelamento e com a inflação que estamos tendo, os financiamentos ficarão muitíssimos altos, o que vai retrair o número de atendimentos habitacionais que hoje já são poucos. Além disso, verbas para programas como o PAC [Programa de Aceleração do Crescimento], em várias de suas áreas, já foram totalmente zeradas. Esses programas também tinham importância para os trabalhadores mais pobres. Dentre eles, tem programas de regularização fundiária pra comunidades que ocupam há anos terrenos não regularizados, tinham orçamentos pra urbanização das favelas. Nós sabemos que existem milhões de trabalhadores em favelas precárias e que precisam de urbanização e infraestrutura. Por conta destes ataques é que a gente foi levado a construir uma jornada nacional de lutas.

> “Não é possível fazer uma luta contra o ajuste fiscal e esse governo com mãos dadas com pesssoas que estão dentro desse governo ”

Também é importante construir essa jornada de maneira que a gente possa se posicionar enquanto movimento, que se organiza pela base, que luta pelos trabalhadores mais pobres das cidades, mas que se coloca de maneira independente dos governos e dos patrões.

HOJE, EM MEIO À SITUAÇÃO POLÍTICA QUE O PAÍS VIVE, ESTÃO SENDO ORGANIZADAS DUAS FRENTES POLÍTICAS. AS DUAS FRENTES TÊM POUPADO O GOVERNO DILMA DE CRÍTICAS. COMO O LUTA POPULAR VÊ ISSO?

Helena - A gente tem vivido uma situação em que há uma polarização muito grande e existe, por exemplo, propostas de frentes que estão sendo construídas. Tem a Frente Brasil Popular, tem a Frente Povo Sem Medo que tem a participação de movimentos populares e do movimento sindical. Nós do Luta Popular não fazemos parte de nenhuma destas duas frentes. Porque nós entendemos que o governo que está implementando estes ataques é o governo que aí está, o governo do PT.

Nessas frentes também tem parlamentares do PT. Nós entendemos que não é possível fazer uma luta contra o ajuste fiscal, que é também contra um governo que implementa esse ajuste, com mãos dadas com pessoas que estão dentro destes governos e que durante todos anos abriram espaço, através de sua política de conciliação de classe, para o avanço da direita, como temos visto hoje.

FALE SOBRE AS AÇÕES QUE O LUTA POPULAR VAI REALIZAR PELO PAÍS

Helena - Vamos realizar ações como o travamento de rodovias, de avenidas, protestos, passeatas e marchas. Além do dia 18, que abre a jornada, vão ocorrer em outros dias ações que envolvem desde atividades culturais em praças e no centro das cidades, com a juventude que a gente organiza a partir do Hip Hop. Vamos organizar também a participação do movimento nas Marchas da Periferia, que são protestos dos trabalhadores negros e negras das grandes cidades em busca de uma cidade que não seja segregada, contra o racismo e contra o mito da “democracia racial” que existe no Brasil.

METALÚRGICOS

Greves e lutas marcam campanha salarial de metalúrgicos

Foto: Roosevelt Cássio / Sindmetal-SJC

Trabalhadores da Heatcraft em reunião com sindicato

ANA CRISTINA,
DE S. JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

No dia 4 de novembro, os metalúrgicos da Heatcraft, em São José dos Campos, encerraram a greve que haviam iniciado uma semana antes. Em assembleia, os trabalhadores aprovaram a proposta de 11% de reajuste sobre os salários e o vale-alimentação.

Não foi uma luta fácil. A proposta inicial mal cobria a inflação de 9,88% e os trabalhadores ainda tiveram de enfrentar um forte assédio moral por parte da empresa, conhecida pela repressão e truculência. Ainda assim, foi a mais longa paralisação na empresa nos últimos anos.

A luta na Heatcraft é apenas um exemplo da campanha salarial deste ano dos metalúrgicos de São José e região, que está sendo marcada pela luta contra o arrocho salarial e a tentativa de ataques aos direitos por parte da patronal.

Também ocorreram greves em outras empresas, como a Eaton, TI Automotive, Hitachi, Armco, Parker e Winnstal. Na GM, os metalúrgicos pararam por duas horas, no dia 23, contra a proposta da montadora de acabar com a estabilidade no emprego para lesionados. Em relação aos salários, a GM propôs 9,88% de reajuste, índice que a montadora só chegou depois que os trabalhadores aprovaram estado de greve.

Nas bases dos sindicatos dos metalúrgicos de Campinas e Limeira, que formam uma bancada unificada com São José nas negociações da sampanha salarial, também houve mobilizações. Na Eaton, em Valinhos, foram 24h de paralisação, e na Valeo, três dias de greve. Em Limeira, a mobilização foi na ZF/TRW.

Nestas bases, os metalúrgicos estão conquistando reajustes que variam de 9,88% a 13,5%, incluindo a reposição da inflação e aumento real.

SAÍDA

A crise não é nossa!

Com o aprofundamento da crise econômica, as campanhas salariais deste ano estão sendo muito duras. Empresas e governos estão tentando a todo custo jogar a conta dessa crise nas costas dos trabalhadores, com um arrocho salarial e ataques aos direitos ainda maiores. As propostas patronais sequer cobrem a inflação. Isso quando não vem com demissões.

O pior é que não bastasse ter de enfrentar a patronal e o governo, os trabalhadores esbarram no sindicalismo governista da CUT, que simplesmente trava a mobilização para proteger o governo Dilma e rebaixa o patamar das reivindicações (veja artigo de Antônio de Barros, Macapá, ao lado).

"As lutas dos metalúrgicos de São José, Campinas e Limeira demonstram que, com mobilização, é possível enfrentar o arrocho e os ataques que os patrões e o governo estão tentando impor", avalia José Dantas, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São José.

"Por isso, nesta campanha, nossa discussão com os trabalhadores é explicar por que essa crise não é nossa. Que os patrões é que devem pagar por ela, reduzindo seus lucros exorbitantes, e que é preciso unificar as lutas, rumo à construção de uma Greve Geral, para derrotar o arrocho, os ataques e as demissões que patrões e governos querem nos impor", afirmou Dantas.

Opinião

Antônio de Barros (Macapá)
presidente do Sind. Metal. SJCampos

Para defender governo, CUT ignora luta

Foto: Tanda Melo / Sindmetal-SJC

Macapá em Assembleia com metalúrgicos

Não são poucos os obstáculos que os metalúrgicos estão tendo de enfrentar na campanha salarial deste ano. Não bastasse o cenário de forte crise econômica e política, alta da inflação e desemprego, os trabalhadores ainda têm de enfrentar a traição das direções pelegas e governistas. A política da CUT é evitar qualquer mobilização que possa criar instabilidade e prejudicar o já combalido governo Dilma e o PT.

Nas fábricas metalúrgicas de eletroeletrônicos, por exemplo, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC se limitou a fechar acordos que parcelaram até mesmo a inflação, o que claramente é prejudicial aos trabalhadores, afinal com o índice da inflação em alta, os salários serão corroídos em poucos meses.

Já nas montadoras e em várias autopeças, a reivindicação da CUT foi centrada no PPE, o suposto programa de proteção aos empregos, que na prática favorece as empresas, pois permite a redução de salários. Os acordos fechados pela CUT, somente nas montadoras, já reduziram os salários de 33 mil metalúrgicos.

O fato é que, para não prejudicar o governo, na campanha dos metalúrgicos a CUT simplesmente "jogou a tolha" antes de o jogo começar, rebaixando completamente a campanha. É a mesma linha que tentaram aplicar em petroleiros, onde acabaram sendo levados à greve somente depois da mobilização iniciada pelos sindicatos da FNP (Federação Nacional dos Petroleiros) e pela pressão da base.

Os metalúrgicos do interior demonstram que é possível lutar para que a crise não recaia em nossos salários e direitos. E para isso não se pode ter rabo preso com os patrões ou o governo.

SEGUNDO TURNO NA ARGENTINA

Nem Scioli nem Macri. Pelo voto em branco

O resultado eleitoral das eleições presidenciais argentinas sacudiu a política nacional. Ao contrário de todas as previsões, o candidato apoiada pela atual presidente Cristina Kirchner foi derrotado no primeiro turno. No próximo 22 de novembro, se realizará o segundo turno entre dois candidatos patronais que, de uma forma ou outra, propõem aprofundar o ajuste fiscal no país. Diante dessa situação, o PSTU argentino propõe realizar uma campanha militante pelo voto em branco.

Daniel Scioli, à esquerda, apoiado pela presidente Cristina Kirchner, e Mauricio Macri, à direita.

MATÍAS MARTÍNES
DO PSTU - ARGENTINA

Após vencer o primeiro turno das eleições com 37% dos votos, o candidato Mauricio Macri (coligação PRO e Cambiemos), ficou explicita a derrota política da Frente para a Vitoria (FPV) e de seu candidato Daniel Scioli, apoiado pela presidente Cristina Kirchner.

O resultado provocou uma crise no próprio Partido Justicialista (PJ), o partido patronal mais importante do país, que após 24 anos perdeu o governo da província de Buenos Aires para a candidata María Eugenia Vidal, ligada a Macri. A província é o coração do distrito mais importante do país e representa quase 40% do eleitorado do país.

Mas, ao contrário do que dizem os partidários ligados à Cristina Kirchner, não há um giro à "direita" da situação política nacional. Na verdade, houve um voto de castigo ao governo que foi canalizado através de uma candidatura de centro-direita, a de Mauricio Macri. Por outro lado, uma vitória de Scioli não é nenhum pouco favorável aos trabalhadores. Caso vença a eleição, Scioli não impedirá os planos de ajustes que já estão em marcha, a inflação galopante, as demissões e suspensões das aposentadorias, os tetos salariais e a entrega do petróleo e outros recursos naturais às empresas privadas e multinacionais como a Chevron ou a Barrick Gold.

Colocar o kirchnerismo e a FPV como uma opção mais de "esquerda", ou progressiva, apenas confunde os trabalhadores. Foi exatamente contra as medidas de "ajuste fiscal" aplicadas pelo governo e contra a repressão que um setor importante da população optou em não votar no candidato apoiado pela presidente Cristina.

Essa ruptura já havia anteriormente se expressado através de três importantes greves gerais com grande adesão dos trabalhadores. Mas sob a pressão de uma propaganda infernal pelo "voto útil", a população votou em uma candidatura que, embora seja ligada aos patrões, é contra o governo Kirchner. Foi por isso que milhões de pobres, jovens e operários votaram em Macri no sentido de evitar um novo governo do kirchnerismo.

No entanto, independente de quem vença a eleição, o mais provável é que ocorra uma maior polarização social e duros enfrentamentos dos trabalhadores com o governo e os patrões que querem jogar a crise econômica sobre as costas dos trabalhadores. É nesse enfrentamento que se definirá o futuro da classe trabalhadora argentina.

RESULTADOS

Frente de Esquerda dos Trabalhadores tem resultado positivo

Neste cenário, a boa notícia para os trabalhadores e o povo é que a Frente de Esquerda dos Trabalhadores (FIT, na sigla em espanhol) teve uma participação positiva nas eleições. O resultado obtido, somado aos resultados alcançados ao longo de 2015, consolida a FIT como alternativa política eleitoral de esquerda no país e confirma que existe um espaço para disputar, pela esquerda, a ruptura com o kirchnerismo.

Os quase 800 mil votos à presidente e os quase 970 mil votos obtidos pela FIT pra deputados em todo o país colocaram a Frente como a quarta força eleitoral a nível nacional.

A FIT conseguiu resistir à pressão pelo voto útil e se apresentou como a única campanha com um programa alternativo, defendendo uma saída operária e popular para a crise. Essa votação constitui uma conquista para os trabalhadores que devemos valorizar.

Apesar desse resultado positivo, é preciso também refletir sobre os erros cometidos.

Em primer lugar, não se pode deixar de lado o fato da FIT perder 265 mil votos (22%) na votação para deputados nacionais em relação a 2013.

Depois das eleições primárias, tampouco se avançou em mostrar uma campanha unitária de todas as forças que compõem a FIT. Além de qualquer ato ou conferência de imprensa conjunta, a campanha seguiu marcada pela autoproclamação e cada força da FIT fez sua própria campanha. Não foi atendido nosso pedido de convocar todas as organizações que apoiam o programa da FIT para fazer uma campanha unitária.

Por sua vez, ficou evidente que as propostas políticas programáticas têm ficado relegadas a segundo plano frente ao objetivo de eleger algum candidato. A necessidade de obter deputados da esquerda foi o centro da campanha, como um fim em si mesmo, chegando ao extremo de colocar a eleição para presidente atrás desse fim. Podemos comprovar isso observando os cartazes e panfletos eleitorais da campanha.

SÃO PAULO

“Querem fechar a escola da minha filha para construir um supermercado”

Protesto realizado no mês de outubro contra o fechamento das escolas

DA REDAÇÃO

Vania da Silva Mota mora no bairro Itaim Paulista, na Zona Leste de São Paulo e foi surpreendida por sua filha, Keterine da Silva Chagas, que informou que sua escola será fechada. Keterine está no 1º ano do ensino médio e estuda na escola Charles de Gaulle, a 15 minutos da sua casa.

“No primeiro momento não acreditei. Agora ela veio com a confirmação que dia 14 de novembro vai ter uma reunião e que a escola vai ser fechada. Não deram nenhum comunicado, nenhuma informação, nada, simplesmente disseram que vai fechar. E tem uns boatos de que a escola vai fechar para abrir um supermercado”, afirmou Vania.

UMA REORGANIZAÇÃO CONTRA OS POBRES

O fechamento faz parte do projeto de reestruturação da rede estadual do Governador Geraldo Alckmin (PSDB). A proposta prevê o fechamento de até 1000 escolas. Já em outubro, foi anunciado o fechamento de 94 escolas. Além disso, o projeto também prevê o fim dos períodos noturnos e a separação dos alunos por ciclo de ensino.

Pode parecer uma reorganização apenas pedagógica, mas, na prática, significa que mais de dois milhões de estudantes serão transferidos para outras escolas ou, no caso dos estudantes que só podem estudar à noite, a impossibilidade de terminar seus estudos. Além disso, a reestruturação também vai aumentar a superlotação das salas e poderá resultar na demissão de, pelo menos, 50 mil professores.

Segundo o Secretário da Educação, Herman Voorwald, as matrículas serão feitas de acordo com a idade e CEP do aluno, que será transferido para escolas em um raio de até 1,5 km de distância da sua escola de origem. Para pais que possuem filhos cursando ciclos diferentes, o secretário afirmou ser necessário um esforço dos pais para viabilizar o translado dos filhos. O que o secretário parece desconsiderar é que grande parte dos pais trabalha e possui problemas de locomoção, devido ao alto custo dos transportes públicos.

É o caso de Vania, que não sabe onde Katerine vai estudar e tem medo da locomoção da filha. *“Ela demora 15 minutos para chegar na escola, agora vão mandar ela para uma escola que a gente não sabe se é perto ou longe”*, afirmou.

Para a professora da rede pública estadual, Eliana Nunes, o projeto do governo tucano atinge principalmente os pobres que moram na periferia. *“Fechar uma sala de aula, um período noturno ou uma escola pública é um crime contra os trabalhadores. Se é verdade que diminuiu o número de jovens nas escolas pela queda da natalidade, o fechamento não é a solução. Pelo contrário, as escolas podem deixar de ter salas superlotadas, com máximo de 20 ou 25 alunos por turma, e ampliar o noturno para que nossa juventude trabalhadora não tenha que fazer a opção entre o emprego e os estudos”*, declarou.

GOVERNO DILMA TAMBÉM É RESPONSÁVEL

Não é só em São Paulo que o governo ataca a educação. Também no Paraná e Rio Grande do Sul foram anunciados fechamentos de escolas.

Nos últimos 8 anos, segundo dados do MEC, foram fechadas 16705 escolas em todo o país. O fechamento de escolas faz parte do ajuste fiscal também aplicado pelo governo Dilma (PT). São retirados dinheiro das áreas sociais, como saúde e educação, para continuar beneficiando os lucros dos empresários e banqueiros.

A resposta dos professores, pais e alunos é resistência. A escola que Eliana dá aula, Padre Bruno Ricco, na periferia de Guarulhos, foi ameaçada de ser fechada e demolida. A comunidade escolar somou-se às manifestações, fez abaixo assinado e o resultado: a escola não será mais demolida nem fechada, pelo menos no próximo período.

Vania continua sem saber onde a filha vai estudar no ano que vem. Quando perguntada sobre que recado daria para Alckmin, Vania não teve dúvida: *“Eu falaria para ele que está tudo errado, eles só estão tirando da gente, eles tem que ir atrás de quem tem dinheiro. Por que só nós temos que pagar? Porque não vão tirar dos ricos?”*.

MOBILIZAÇÃO

Estudantes ocupam escolas contra fechamento

Alunos da rede pública estadual estão se mobilizando contra os fechamentos das escolas. Na capital os estudantes ocuparam a escola Fernão Dias Paes, na Zona Oeste da cidade. Enquanto fechávamos essa edição, a PM cercava o local e não deixava ninguém entrar ou sair e ameaçava levar os estudantes para a delegacia.

Já os estudantes da Escola Estadual Diadema, na região do ABC, acamparam no pátio e refeitório contra a desativação do ensino médio e do período noturno da escola. A direção chegou a trancar os demais alunos nas salas para impedir que participassem da manifestação.

NA MIRA DA ESCOPETA

Fazendeiros atacam mais uma aldeia Guarani-Kaiowá no MS

Novos ataques violentos ao povo Guarani-Kaiowá continuam no Mato Grosso do Sul. Segundo a denúncia de lideranças indigenas, no último dia 9 de novembro, uma comunidade Guarani Kaiowá, a Tekoha Kurupi, localizada no município de Navirai, foi atacada por pistoleiros contratados por fazendeiros. Várias barracas foram incendiadas e duas pessoas idosas e crianças foram feridas pelos pistoleiros. O ataque ocorreu quatro dias depois de uma reunião realizada com ministro da Justiça pedindo paz aos fazendeiros e das promessas de se criar uma “mesa de diálogo”. Mas a comunidade Tekoha Kurupi resiste e não arreda o pé do seu território ocupado por fazendeiros do agronegócio.

No último dia 6, em meio a uma tentativa de reintegração de posse contra a comunidade guarani Ñandeva do território Yvy Katu, o delegado da Polícia Federal, Alcídio de Souza Araújo, disse: “*Vocês, índios, vivos podem até cobrar um milhão de reais pela morte de índio do governo, mas quem morreu já morreu*”. A declaração ilustra como agem as autoridades públicas no estado.

Os Kaiowás estão exigindo a devolução de suas terras, ocupadas pelo agronegócio, e a punição aos fazendeiros assassinos. Entre 2003 a 2010, foram assassinados 253 indígenas. Todas as comunidades sofrem o cerco dos fazendeiros e as ameaças de morte são diárias. Há algumas semanas, a reportagem do Opinião Socialista esteve presente nos territórios Guarani-Kaiowás e está preparando uma reportagem especial sobre o tema. O Opinião participou da grande Aty Guasu, a grande assembleia dos caciques e guerreiros Kaiowá e Ñandeva, onde registrou inúmeras histórias de assassinatos e atentados contra as lideranças indígenas. Incontáveis lideranças estão na mira da escopeta. E não é só com bala e pistola que tentam exterminar os Guarani-Kaiowás. É também com envenenamento da água, comida, com aviões que lançam pesticidas sobre as aldeias, atropelamentos e com a fome, implacável com as crianças. Tragicamente, a Aty Guasu aconteceu horas depois da Comissão especial do Congresso de Cunhas e outros tantos picaretas aprovarem a PEC 2015, que altera o processo de demarcação das terras indígenas. Em sua assembleia, os Guarani-Kaiowás prometeram resistir contra mais este ataque.

NÃO FOI ACIDENTE

Estudantes ocupam sede da mineradora Samarco

Na tarde de 10 de novembro, estudantes ocuparam a sede da mineradora Samarco, em Belo Horizonte. Mais imagens da ocupação da sede da mineradora Samarco, responsável pela barragem que se rompeu e destruiu um distrito inteiro de Mariana (MG), matando vidas e deixando milhares de famílias desabrigadas.

A ocupação, organizada pela Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL), é para exigir a responsabilização imediata da empresa pelo acidente, a revogação das demissões dos terceirizados ocorrida há poucos dias da tragédia e a apresentação do plano de construção da moradia definitiva para as famílias de Bento Rodrigues. A ação foi um sucesso, pois obrigou a Samarco a declarar que não será realizada nenhuma demissão.

A tragédia ocorrida no dia 5 de novembro, não foi um acidente, foi sim um assassinato de proporções, humanas, ambientais e sociais incalculáveis. A ganância desenfreada por lucros ceifou a vida de trabalhadores.

Após a tragédia, a mineradora proibiu a entrada até de jornalistas na área que foi afetada pelo tsunami de lama. Também não esclarece que tipos de toxinas havia na lama. E o compromisso do governo Fernando Pimentel é tão grande que o governador não ficou com nenhum constrangimento em dar uma entrevista coletiva na sede da própria Samarco.

MACHISMO MATA

Homicídio contra mulheres negras aumentou 54%

No último dia 9, foi divulgado o Mapa da Violência - Homicídio de Mulheres no Brasil 2015. Os dados são chocantes. 13 mulheres morrem por dia pelo simples fato de serem mulheres. Os dados revelam ainda o peso do racismo na violência contra a mulher. Em 10 anos, o homicídio contra mulheres negras aumentou 54%. O estudo revela ainda que 50,3% das mortes violentas de mulheres são cometidas por familiares e 33,2% por parceiros ou ex-parceiros. O mapa ainda revela que o Brasil ocupa a 5º posição de maiores assassinatos de mulheres entre 83 países do mundo.

É o mesmo país que tem no seu Congresso Nacional um machista, racista e LGBTfóbico. No mesmo país, em que o Governo de uma mulher presidenta corta sucessivamente o orçamento para o combate à violência. Mas, a mulherada tem mostrado o caminho. Manifestações contra Eduardo Cunha, os governos e o machismo crescem em todo país. Vamos à luta!

CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

Nem com a Casa Grande, nem com os capatazes

FÁBIO DAVID
DA SEC. NAC. DE NEGROS E NEGRAS DO PSTU

O racismo é estruturante na sociedade brasileira e precisa ser destruído. Negros e negras vem sofrendo com o aumento brutal da repressão policial, que reprime preventivamente, para conter um levante negro nas periferias das grandes cidades. Por outro lado, o governo Dilma tenta jogar a conta da crise econômica nas costas dos negros e negras, através da retirada de direitos e a superexploração do trabalho.

A ofensiva que o governo fantoche do PT sobre os míseros direitos conquistados com muita luta pela classe trabalhadora é a prova cabal dessa política da burguesia branca e racista, sustentada por Dilma. As consequências são o aumento da inflação, os cortes em direitos sociais e previdenciários pra pagar a dívida ao banqueiros, desemprego, diminuição de salários, além da ofensiva do Congresso Nacional, comandada por Eduardo Cunha e toda a direita. Atacam com a redução da maioridade penal, a não aprovação da criminalização da homofobia e criminalização do aborto. Ou seja, Dilma e o Congresso jogam no mesmo time, somente ocupam posições diferentes no campo dos ataques contra a classe trabalhadora.

Apesar de todos os ataques, da cooptações das lideranças do movimento e o desmonte da consciência de classe e raça pelos governos do PT, há uma nova vanguarda negra se forjando no Brasil e no mundo. São lutadores inquietos que buscam soluções estruturais para todas as mazelas sociais. Isto se reflete no aumento da identidade racial, principalmente entre os jovens e mulheres, que se expressa na denúncia e enfrentamento ao racismo cotidianamente, na valorização da cultura e estética negra, nas lutas operárias como as greves de garis e dos operários do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), rolezinhos nos shoppings e na organização dentro das universidades. Tudo isso mostra a necessidade de fortalecer uma opção de raça, classe e marxista sobre essa nova vanguarda, para lutar pela revolução brasileira.

QUILOMBAGEM

Venha para o PSTU fortalecer a luta dos negros e negras pelo socialismo

É preciso resgatar a ideia de "Quilombagem", termo cunhado por Clóvis Moura, pensador marxista negro, que nos convoca a cada um, negro e negra, pra ser uma expressão viva e ativa de tudo o que representava os quilombos para os nossos ancestrais. Ou seja, que cada um de nós sejamos a própria resistência contra o sistema capitalista que nos oprime e nos mata, que possamos dar um passo à frente na luta contra o sistema nos organizando. Essa foi uma das grandes lições dos quilombos, como o de Palmares, nas insurreições negras. Somos muitos mais fortes juntos e organizados.

O PSTU é o lugar dos negros e negras que querem dar esse passo à frente e se organizar para derrotar o capitalismo e o racismo que tanto sustenta esse sistema nefasto.

Venha construir conosco o PSTU, que se espelha na luta quilombola, resgatando nossa ancestralidade e a tradição de luta de negros e negras na luta da classe operária e pelo socialismo. Por isso afirmamos que a revolução brasileira será negra, operária, ou não será!